

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Itamara dos Santos Ribeiro

DIÁRIO DE PROFESSOR ARTISTA NO ENSINO APRENDIZAGEM

Contagem

2020

Itamara dos Santos Ribeiro

DIÁRIO DE PROFESSOR ARTISTA NO ENSINO APRENDIZAGEM

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Andrea de Paula Xavier Vilela

Contagem

2020

Ribeiro, Itamara dos santos.

Diário de artista professor no ensino aprendizagem/ Itamara dos Santos Ribeiro. – 2020.

44 f., enc.

Orientador(a): Andrea de Paula Xavier Vilela.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 43

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização.

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.



Nome: **ITAMARA DOS SANTOS RIBEIRO**

DIÁRIO DE PROFESSOR ARTISTA NO ENSINO APRENDIZAGEM.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Andrea de Paula Xavier Vilela – CEEAV/ EBA/ UFMG (Orientadora)

Professora Patrícia de Paula Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG (Membro da Banca Examinadora)

Profa. Mônica Medeiros Ribeiro
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG



Nome: Itamara dos Santos Ribeiro

DIÁRIO DE PROFESSOR ARTISTA NO ENSINO APRENDIZAGEM

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Banca examinadora:

Andrea de Paula Xavier– UFMG

Julgamento: _____

Patrícia de Paula Pereira – UFMG – (Membro da banca)

Julgamento: _____

Profa. Patrícia de Paula Pereira

Coordenadora *Pro Tempore* do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes

Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020

Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha/ Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901.

Resumo: O presente trabalho investiga o uso do diário de artista e professor em práticas de ensino aprendizagem. Esta pesquisa lida com a interface entre Artes Visuais e Educação, apresentando ponderações sobre o artista professor e buscando compreender a relação entre essas duas atuações, em especial ao enfatizar a importância do registro. Este trabalho tem como base teórica educadores e arte educadores como: Ana Mae Barbosa, Lucia Gouvêa Pimentel, Geraldo Loyola, Jocielle Lampert e Miguel Zabalza.

Palavras-chave: Diário. Professor Artista. Ensino Aprendizagem.

Abstract: This work inquires the use of the art and teacher diary in the teaching learning process. This research deals with the interface between visual arts and education, presenting considerations about the artist teacher and seeking to understand the relationship between these two performances, especially when emphasizing the importance of the recording. This work has as theoretical basis educators and art educators as: Ana Mae Barbosa, Lucia Gouvêa Pimentel, Geraldo Loyola, Jocielle Lampert e Miguel Zabalza.

Keywords: Diary. Teacher-Artist. Teaching Learning.

SUMÁRIO

AVISO AOS LEITORES 09

INTRODUÇÃO 11

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE DIÁRIOS E REGISTROS DE ARTISTA 13

1.1 Modos de fazer e manter um diário 15

1.2 Considerações sobre observações e anotações 19

1.3 Diário como registro de processo 20

2. SOBRE SER ARTISTA E PROFESSOR 22

2.1 Depoimentos de artista professor 23

2.2 Eu, professora e artista 28

3. REFLEXÕES SOBRE MEUS DIÁRIOS 30

3.1 Processos de organização 30

3.2 Desenhar 31

3.3 Desenho em sala de aula 34

3.3.1 Desenho não acabado 35

3.4 Linha 36

3.5 Diários como estratégias didáticas 38

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 41

5. REFERÊNCIAS 43

AVISO AOS LEITORES

Esta pesquisa foi escrita e pensada de modo a se aproximar da escrita de diários, particularmente de diários de artista professor, os quais, em sua maioria, apresentam-se como uma escrita confidente, partindo de anotações e registros de processos de práticas artísticas e docentes, onde se entrecruzam aspectos teóricos e práticos. Lancrri (2002) afirma que a pesquisa em artes plásticas está sempre entre o conceitual e o sensível, entre a teoria e a prática: “uma tese em artes plásticas tem por originalidade entrecruzar uma produção plástica com uma produção textual” (LANCRI, 2002, p.19).

Deste modo, em minhas anotações busco vincular reflexões teóricas didáticas aos trabalhos artísticos. O interesse por esta pesquisa surgiu a partir de uma série de diários que mantenho desde a época da minha graduação em artes visuais, em 2004, e que mantenho até hoje.



Figura 1 Série de diários e anotações soltas 2004-2019

Nesta pesquisa opto pela escrita em primeira pessoa, pois dessa forma posso pensar e apresentar meu objeto de estudo (diários) de forma mais coerente e intimista. Apresento o olhar de quem vê de dentro, aproximando minha escrita da escrita dos diários. Dessa forma me desprendo de alguns padrões formais presentes nos textos acadêmicos.

Sendo o tema dessa escrita os diários, não há como desenvolver essa pesquisa senão através de meus relatos pessoais. Os meus relatos aparecem durante toda pesquisa, especialmente no terceiro capítulo, onde cito e transcrevo passagens de meus diários. Essas transcrições aparecem referenciadas apenas pelo nome (RIBEIRO), sem paginação ou volume, pois

se tratam de anotações pessoais não catalogadas. Esta pesquisa apresenta-se, assim, como extensão do meu objeto de estudo.

INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda a temática do Diário de professor artista no ensino aprendizagem. Iniciei a minha vida artística e docente fazendo anotações. Durante as aulas de graduação eu costumava fazer anotações em um caderno: às vezes lembrava-me de algo que tinha que fazer depois da aula e anotava ali mesmo para “a coisa não fugir”. Eu tinha muitas coisas na cabeça: ideias, recordações, planos...

A adoção do diário foi um marco em meus trabalhos artístico e docente. Comecei a anotar muitos acontecimentos, pois o caderninho estava sempre à mão, no bolso ou na bolsa. Atualmente tenho mais de 20 diários, sendo que os primeiros eram cadernos de aula.

Eu me vi, diante de algumas situações no meu cotidiano, dividida entre a atividade artística e a atividade docente, sentindo que uma atuação sufocava ou diminuía a outra.

O diálogo e troca de ideias com outros professores artistas, que vivem ou viveram esse embate interno – ser professor e ser artista – também contribuiu para esta pesquisa, uma vez que me aproximei de outros artistas educadores e comecei a perceber como eles lidavam com esse embate e como resolviam didática e artisticamente questões referentes ao processo criativo.

Minha pesquisa de Pós-Graduação em Artes Visuais consiste em refletir sobre meu diário de artista professor. Um diário que funde a prática artística e a prática docente, seguido por reflexões sobre ensino de desenho. Dessa forma, prossigo a pesquisa à luz de anotações, registros, diários, documentos processuais meus e de outros artistas professores, ou mesmo apenas artistas, professores e teóricos da educação.

Em meu diário apresento desenhos, situações, reflexões sobre desenhos, pensamentos didáticos e planos de aula, de modo que o objetivo desta pesquisa é investigar a possibilidade do uso de registros visuais e anotações de artista professor como ferramenta no ensino aprendizagem.

Tenho como base teórica para esta pesquisa educadores e arte educadores como: Ana Mae Barbosa, Lucia Gouvêa Pimentel, Geraldo Loyola, Jocielle Lampert e Miguel Zabalza.

Esta pesquisa está dividida da seguinte forma: No primeiro capítulo apresento algumas considerações sobre diários e registros de artistas, descrevo o modo como eu organizo meu diário e faço uma breve reflexão sobre a importância da observação no processo de escrita de diários. Finalizo o primeiro capítulo ressaltando a importância dos diários como registros de processos artísticos e docente.

No segundo capítulo falo sobre como surgiu o conceito do termo artista professor, trago depoimentos do que é ser artista professor (sob a ótica de artistas professores, tais como: Geraldo Loyola, Jocielle Lampert e Paul Klee). Finalizo o segundo capítulo descrevendo e refletindo sobre a minha condição de artista professora.

No terceiro capítulo apresento alguns desenhos de meus diários, seguidos de reflexões sobre o ensino do desenho. Também descrevo o meu processo de organização artístico-didática tendo o diário como ferramenta fundamental neste processo e apresento algumas dificuldades relativas ao ensino do desenho, fomentadas por pensamentos retrógrados relativos ao ensino tradicional do desenho. E por fim, mostro como a prática do diário se traduz em prática didática.

CAPITULO 1

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE DIÁRIOS E REGISTROS DE ARTISTA

São inúmeros os livros que podem ser considerados diários de artistas, porém esta pesquisa tem seu recorte nos diários do artista/professor. Aqui as anotações de artistas/professores serão pensadas tanto como uma forma de arte quanto como ferramentas auxiliares no processo de ensino aprendizagem nas aulas de artes.

O diário tradicional (mais comum) apresenta-se geralmente como um conjunto de folhas presas em formato de caderno dando a possibilidade de continuidade. O diário pode ainda ser encontrado de forma fragmentada reunindo anotações em folhas soltas nas quais a ordem das folhas não compromete a interpretação e leitura do todo. Também é possível encontrar anotações eletrônicas em computadores ou celulares. As possibilidades dos diários são inúmeras e permitem ligações entre ideias visuais e realidade.

O diário é uma documentação viva¹ de pesquisa que permite o diálogo. Ao ler ou relê-lo percebemos quais caminhos foram percorridos e o que antecedeu tais percursos. Dessa forma os diários nos permitem investigar, problematizar e interpretar o seu conteúdo.

Ressalto aqui que existem diversas denominações para referir-se ao agrupamento de registros: diário, escritos de artista, diário de bordo, portfólio, blocos de anotações, livro de artista, dentre outros.

Miguel A. Zabalza em seu livro *Diários de Aula* faz uma interpretação ampla sobre o diário e o chama de “documento pessoal”. Dentro dessa perspectiva de documento pessoal Zabalza destaca as autobiografias, correspondências, diários, memórias, testemunhos, confissões, entrevistas. Em resumo: todo tipo de documentos que de alguma forma expressem estados psíquicos de uma pessoa. (Zabalza, 1994, p.32-33).

Cecília Almeida Salles (1998), em seu livro *Gesto Inacabado*, aponta o diário como um importante documento do processo criador. Afirma que os documentos de processos independente da sua materialidade (manuscritos, esboços, ensaios, partituras, copiões, maquetes) carregam sempre a “ideia de

¹ Viva por estar aberta a interpretações e interferências, por se encontrar em constante transformação.

registro”. Salles acredita que o diário possui a capacidade de aproximação da práxis artística, e que o artista tem a necessidade de reter elementos através de registros que possam levá-los a concretização da obra ou simplesmente auxiliá-los na concretização. (SALLES, 1998, p.17).

Tharciana Goulart da Silva e Jociele Lampert (2015), no artigo “A relevância do diário na prática artística e docente”, elencam várias denominações para o Diário: Diário de bordo, acompanhante, caderno de registros, anotações de artistas. As pesquisadoras acreditam que os diários são registros de experimentações que podem auxiliar em novas descobertas. “O diário pode ser um companheiro do artista, no qual as obras e fazeres surgem e podem ser desdobrados em configurações para outros projetos”.

Vários teóricos definem os diários como documento importante de investigação e aproximação da práxis independente da área de atuação dos sujeitos. Tanto os registros de artistas como os diários de professores preservam a memória, exercem a continuidade das ideias e de elementos fragmentados do cotidiano pessoal.

O diário registra concretamente imagens, pensamentos visuais, planos teóricos e práticos, sendo capaz de representar o olhar sensível do sujeito. Abriga diversas linguagens: desenho, pintura, escrita, colagem, registros de experiências, projetos. O diário emprega formas significantes capazes de abrigar conceitos, planos mentais, ideias.

Considerando que as etapas de elaboração de um diário baseiam-se na vivência de quem escreve, em suas relações com o cotidiano e sua visão de mundo, o artista é capaz de acompanhar o seu próprio processo, observando, anotando e pensando sobre sua prática. O diário é uma forma de diálogo entre o artista e seu trabalho, assim como seu processo criativo, ele auxilia na organização da produção. Os diários cultivam a memória, possibilitam e evidenciam a continuidade de discursos e de fragmentos cotidianos que foram registrados.

O diário de um professor geralmente contém registros da prática docente e é um instrumento que permite a reflexão sobre sua atuação pedagógica. Zabalza (1994) afirma que a escrita do diário permite ao professor um pensamento crítico sobre o seu desenvolvimento e suas ações educativas.

Os diários são instrumentos adequados para veicular o pensamento dos professores. Através deles o professor explora a sua atuação profissional, proporciona *feedback* e estímulos de melhoria. É através do Diário que uma pessoa aprimora a consciência individual da sua própria experiência. (Berk, 1980, *in* Zabalza, 1994)

Zabalza (1994) nos alerta sobre as dificuldades que implicam a continuidade do professor manter a narrativa do diário, no que se refere à regularidade de escrever após um dia de trabalho intenso e pelo esforço de transcrever verbalmente os episódios vividos. No entanto o autor descobre em suas pesquisas que uma vez que os professores se comprometem com a dinâmica de registro diário, descobrem sentido e utilidade para a ação dos registros e, então, o diário supera os propósitos iniciais do pesquisador.

Neste sentido é necessário distanciar os registros do formato burocrático proposto pelas instituições educacionais, pois é importante que o educador desenvolva um olhar sensível ao observar e registrar os acontecimentos de maneira não burocrática, para isso é preciso rever estratégias de ensino e aprendizagem que contemplem maneiras poéticas, livres, abertas aparentemente ao acaso.

1.1 Modos de fazer e manter um diário

Existem diversas formas de se iniciar e manter um diário, seja ele de artista, professor ou professor/artista. Zabalza (1994) em seu livro *Diários de aula*, faz uma análise de sete diários de aula e afirma que o diário de aula produz afetos ao ser produzido e ao ser lido. Zabalza descreve como estes diários se compõem, como eles se relacionam com os espaços onde são produzidos e sobretudo analisa a utilidade dos diários como instrumento de investigação.

Quanto à construção dos diários Zabalza sugere que a melhor forma de se construir um diário é deixando a exposição em aberto, livre de orientações de procedimentos, para que o diário expresse o estilo pessoal do professor. (ZABALZA, 1994, p. 110).

O artista e também professor Paul Klee construiu diários ao longo de sua vida. Quando era menino, escreveu sobre o seu cotidiano, suas sensações e seus sentimentos. Já na vida adulta escreveu sobre os seus estudos e as suas

impressões sobre música e pintura. Klee foi professor da Bauhaus e foi lá que ele desenvolveu noções de ritmo e cor. Ao ler o diário de Klee podemos perceber que ele escreve algumas vezes de maneira livre e fluida e outras vezes de maneira didática, que ele faz observações técnicas, a fim de estudar e entender os sentimentos da música e da pintura.

A artista Louise de Bourgeois escreveu diários durante toda sua vida. Ela também iniciou a escrita dos diários ainda quando criança. Ela diz que os seus diários servem para suas reflexões particulares, pois anota histórias cotidianas e observações aleatórias. A artista mantém três tipos de diários: o escrito, o falado (num gravador) e o de desenhos. Em seus diários Bourgeois diz não registrar banalidades, ela usa esse suporte para fazer análises dela mesma. Ela fala que:

Ter esses diários variados significa que gosto de manter minha casa arrumada. Eles devem estar atualizados para eu ter certeza que a vida não passou por mim. A maioria das pessoas me visita, e gosto de manter registros de nossas conversas ou nossos diálogos. (BOURGEOIS, 2010, p.305)

O diário ou livro de artista geralmente existem pela necessidade de registros, porque através deles é possível desenvolver ideias, projetos e pensamentos. Esses suportes são repletos de códigos que podem ser transformados em formatos de textos poéticos e visuais, contendo elementos de artes visuais, literatura, música, experiências cotidianas e desejos futuros, de forma que ele nos remete para as questões ligadas à memória e ao arquivo. Atualmente alguns artistas têm pensado o arquivo como prática artística, eles coletam e classificam materiais, objetos ou imagens em arquivos de artistas que podem ser desdobrados em livros ou diários (CADÔR, 2016, p.156). “Para o artista o arquivo pode ser entendido em três momentos distintos: material que pode se tornar obra, obra em processo e obra pronta” (CADÔR, 2016, p.147).

Os diários de artista ou de artista professor possuem um tom de arquivos pessoais, evocando a ideia de registrar algo importante, que podem ser preservados para posteridade.

Diários e livros de artistas são repletos de códigos e regras individuais que trazem a essência pessoal. Por isso, podemos perceber que não é possível aplicar uma receita ou normatizar essa prática, pois o que caracteriza

um diário é a subjetividade de quem o escreve, o como esse sujeito pensa e organiza seus registros.

Os meus diários de artista professora (que serão analisados no terceiro capítulo) possuem algumas regras: escolho os materiais que serão utilizados, como, por exemplo, caneta nanquim e grafite. Faço os desenhos na parte de trás dos diários e as anotações escritas na parte da frente. Antes eu não misturava desenho e escrita, mas agora não sigo mais esta regra e os vários códigos se unem.

Descrevo a seguir o meu modo de fazer diários, não como uma receita pronta, mas, ao contrário, para mostrar que as alternativas de confecção de diários são muito variadas. Pretendo com isso trazer elementos que possam situar os procedimentos que justificam esta pesquisa.

1 Início o diário escrevendo minhas ideias livremente

A primeira página em branco de um diário pode ser inibidora, pois ela carrega um preciosismo porque precisa apresentar de forma atraente o que vem a seguir. Uma opção é pular a primeira página caso se ache necessário.

Hoje comprei um bloquinho de desenho, desses pequenos que cabem no bolso da calça, folheei-o de frente pra trás e de trás pra frente, fiquei horas pensando o que faria na primeira página, pulei a primeira página e desenhei de forma leve e fluida na segunda página. (RIBEIRO)

2 Tenho sempre meu diário comigo. Ele precisa ser de fácil acesso para que eu possa fazer anotações a qualquer momento e em qualquer lugar.

3 Observo e anoto atentamente o cotidiano: fenômenos da natureza, comportamento de alunos, conversas.

Observei os alunos no intervalo/recreio, a partir de um lugar onde a minha presença não interferia na convivência deles. Percebo o quanto eles são suscetíveis ao toque: vi umas meninas abraçadas como que melhores amigas, alguns casais de namorados, meninos que brincavam em um banco fazendo um jogo de “empurra empurra” até um cair do banco e dar lugar ao próximo, um grupo de amigas que faziam penteados uma na outra. Por onde eu olhava eu via manifestação de toque, uma necessidade de sentir o outro. (RIBEIRO)

Partindo dessas anotações e observações em meu diário de artista-professora elaborei um plano de aula sobre arte sensorial e os objetos relacionais da artista Lygia Clark, a aula teve o propósito de despertar os sentidos, a sensibilidade, a percepção dos estudantes através dos objetos relacionais de Lygia Clark, que foram recriados e experimentados pelos alunos.

4 Leio diários e anotações de outros artistas e professores.

Em meados de 2015, li o *Diário de Artista e Diário de Professor* da artista e professora Jocielle Lampert, ela escreve o relatório do seu pós-doutorado em formato de diário, conectando assim a prática artística com a prática docente. No início de 2019 reli o *Diário de Artista e Diário de Professor* e também os *Diários* de Paul Klee. Logo no início da leitura Lampert sugere:

1. Ler ou reler diários de artistas, especificamente pintores. Sugere-se: Cartas a Theo, sobre a vida e obra de Van Gogh; Diários de Paul Klee e o Diário de Frida Kahlo. (LAMPERT, 2014, p.8)

5 Escrevo o que aconteceu em minha aula (inclusive os programas de aula).

6 Elaboro esboços de projetos artísticos e planos de aula.

7 Nunca apago uma informação em definitivo, passo um traço em cima de modo que eu possa saber futuramente o que “errei”. Deixo rastros.

8 Releio os diários com frequência. Às vezes uma anotação antiga pode servir de fio condutor para um novo projeto.

9 Deixo espaços de respiros entre as anotações, isso permite uma conversa com o diário. É comum ao revisitar diários encontrar soluções para questões antigas.

12/07/2016 Faço um desenho e penso já tê-lo visto, sem as suas linhas. Isso me parece impossível, pois ao mesmo tempo a linha é tão sólida e rigorosa que me parece anterior ao desenho. 08/03/2017 Os meus desenhos assumem um compromisso extremado com a linha e não com a figura, a linhas parece ter vida própria, ora mole, fraca, frouxa; ora rija e certa, ela é quem comanda os desenhos. (RIBEIRO)

10 Tento escrever diariamente para não acumular informações.

1.2 Considerações sobre observações e anotações

Da superfície muda das coisas deve partir um sinal, um chamado, um piscar: uma coisa se destaca das outras com a intenção de significar alguma coisa...
Ítalo Calvino

No conto *As meditações de Palomar*, do escritor Ítalo Calvino, surge a inquietante questão que se apresenta logo no início de qualquer processo de elaboração de diário: O que registrar? Há, sem dúvida, inúmeras possibilidades, pois os registros podem ser abordados por diferentes enfoques e de diversas maneiras. Acontece que, em um diário, as observações se dão a partir daquele que está dentro da situação, envolvido na experiência. Desse modo, os registros são facetados (ora você observa uma coisa, ora outra), e assim se constrói um meticuloso processo de observação permeado por escolhas, incertezas e exclusões.

Quando o senhor Palomar resolve contemplar o exterior das coisas, e, para isso, se põe a observar todos os detalhes das coisas redobrando sua atenção nas observações, o senhor Palomar tenta fixar tudo que está ao seu alcance. Em seguida, no entanto, ele percebe que nem tudo merece ser observado ou anotado. Palomar se convence de que “as coisas que deve observar são apenas algumas e não todas, e é a procura dessas que ele deve andar”. (CALVINO, 1994, p.101)

O Diário nasce das anotações de observações, para isso é necessário ter o olhar crítico, fazer escolhas, decidir o que fica e o que será descartado, e, assim, perceber as distâncias entre o vivido e o registrado. Assim como Erickson (*in* Zabalza, 1994, p.19), desejo que meu Diário tenha o relato das ações e que seja “próximo e vivido” de forma a penetrar na experiência do fato narrado.

Para elaborar um Diário é preciso estar de prontidão, estar atento aos mínimos movimentos cotidianos que acontecem na aula, tomar nota das ações recorrentes, das imprevisibilidades, e registrar, planejar, organizar e vigiar tudo, até mesmo possíveis ações que ficam no plano do pensamento.

O artista Sérgio Fingermann, em seu texto *Desenho e Opacidade*, descreve de forma encantadora o surgimento de um desenho que acontece pela sua capacidade de observar e selecionar fragmentos que

contém poesia. Fingermann diz que saía para andar e sempre se deparava com restos de construções no caminho: madeiras, caixas e latas. Com o passar do tempo esses restos foram retirados do seu caminho, permanecendo no chão apenas grampos e pedaços de ferro. Depois de mais algum tempo esses pedaços foram se agrupando e enferrujando, formando assim um belo desenho na calçada. O artista segue suas observações:

O que meus olhos viram?
 Insignificâncias?
 Aquelas imagens provocam-me perturbações e me obrigaram a interromper o meu percurso, forçando-me a voltar os olhos.
 Aquelas imagens projetaram minha atenção num espaço diferente.
 O que meus olhos viram?
 Coisas prosaicas que provocaram meu espírito.
 Desenhos que me tomaram de surpresa.
 Poesia. [...]
 Estaria a magia guardada no olhar de quem vê?
 (FINGERMANN in: DERDYK 2007 p.92)

No momento de suas observações o artista faz suas escolhas, elege o que deve ser observado com maior atenção e reflete profundamente sobre elas. Desse mesmo modo, a reflexão se apresenta como um dos componentes fundamentais nos diários, eles nos permitem refletir sobre o objeto observado e sobre o processo de criação.

1.3 Diário: registro de processos

É importante frisar que os diários são considerados documentos que registram o processo criativo, tanto na arte como na educação. Um objeto contém a estética do processo e expõe a urgência da anotação, algumas vezes apresentados com desenhos precários e letras rápidas, outras com a minúcia e esmero de projetos audaciosos. É um espaço destinado a experimentações, onde o inesperado e o desenvolvimento do pensamento podem ser investigados e acompanhados.

Os diários enquanto documento de registro podem traçar caminhos que estão diretamente ligados ao processo de ensino e aprendizagem através da continuidade dos registros no diário. Ao esboçar, registrar e anotar o artista professor constrói uma linha de pensamento, pensamento esse que se mostra

em constante construção durante o processo de criação. O registro visual no caderno ou diário de artista professor fornece suporte ao artista e também às outras pessoas para compreender melhor o caminho percorrido, o gesto criador e as ações didáticas.

O diário do artista professor e do artista carrega o caráter de arquivo pessoal de quem escreve. Esses arquivos podem ou não respeitar uma ordem cronológica, visto que as soluções de alguns questionamentos não acontecem de forma linear. O artista professor pode encontrar a solução para seu questionamento muito tempo depois de tê-lo pensado.

Em termos gerais os diários são documentos de processo. O artista/professor pode recorrer a ele sempre que precisar de auxílio em seu percurso criador, pois ele é um objeto de pesquisa que vai ao encontro da reflexão.

A escrita do diário e a sua posterior leitura permite a autoavaliação, pois ao visitar ou reler o diário é possível intervir, reescrevendo, apagando ou só reorganizando as ideias ali anotadas. Com essas ações posteriores “desenvolvemos o processo crítico relacionado à educação e à Arte, procurando responder às inquietações inerentes na pesquisa.” (SILVA, LAMPERT, 2015, p. 1102).

Logo, o diário é também uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento do pensamento crítico.

Zabalza (1994) diz que o diário – no contexto diário de professor – se converte em espaço narrativo do pensamento dos professores, pois ele possibilita que o professor exponha a sua versão sobre a sua própria atuação. O autor destaca que os professores analisados em seu livro *Diários de Aula* inicialmente usavam os diários apenas como instrumento de investigação, mas que com o passar do tempo os diários se transformavam em instrumentos reflexivos e serviam para “clarificarem” suas ideias (ZABALZA, 1994, p.92).

CAPÍTULO 2

2. SOBRESERARTISTA E PROFESSOR

O termo “artista professor” refere-se ao artista que atua também como professor. Em meados do século dezenove George Wallis cunhou o termo artista professor² e desde então esse termo vem sendo usado para identificar os professores/artistas que associam o ensino à prática do fazer/saber Arte.

Diversas discussões práticas e teóricas permeiam esse termo a fim de entender o processo que discute o lugar do artista professor que inclui um modo artístico e estético de pensar o ensino de Arte. O professor artista é aquele que se mostra capaz de saber fazer conectando projeto artístico a sua atuação educacional, de modo que seu saber fazer contribui no desempenho docente.

O conceito contemporâneo de artista professor concilia questões práticas artísticas e educacionais e ajuda a romper com o estereótipo construído de que artista seria menos artista pelo fato de lecionar. Essas questões vão ao encontro da crítica exposta em um panfleto pelo artista plástico Ivanaldo Granato que diz: “Adote o artista, não deixe ele virar professor”³. Com esse panfleto o artista questiona se seria possível conciliar o ofício de artista e professor sem que o ato de lecionar diminua sua artisticidade. Partilhando do mesmo questionamento Almeida (2009, p.150) afirma: “a ideia de oposição corrente no senso comum, advém do falso entendimento de que o trabalho de produção de arte é criativo e que o trabalho docente não é”.

Segundo Pineau (*in*Rachel, 2014), a adjetivação artista professor foi apropriada por parte dos teóricos da educação de forma reducionista, pois estes entendem a figura do artista como aquele que age de forma instintiva, guiado por inspirações criativas. Rachel mostra que, apesar desse tipo de interpretação equivocada, a adjetivação artista professor abre espaço para transformar a relação aluno professor em uma relação menos hierárquica, pois arte e artista estão presentes promovendo uma ressignificação do ensino

²Conferir Lampert 2014 “Pesquisa de prática artística em arte e arte educação”, p. 1

³ A frase do panfleto é também o título do livro de Denise Pereira Rachel, *Adote o artista, não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor-performer*.

aprendizagem estimulando o saber fazer ancorado pela práxis artístico-pedagógica. (RACHEL, 2014)

Ricardo Basbaum (2013) criou um conceito que denominou de “artista-etc”. Este termo foi criado para descrever artistas que se relacionam com seus trabalhos para além das produções autorais. Vasconcelos afirma que “o professor-artista é um artista-etc” (inLoyola, 2016). Nesse contexto, o artista acaba transitando por outras instâncias do sistema de arte incorporando outros papéis e outras funções. Nesta reflexão, pensar com arte leva-o a escrever, pesquisar, ler, falar, expor e posicionar-se a respeito do fazer artístico e suas repercussões no campo ampliado da cultura. (Vasconcelos, in Loyola 2016).

2.1 Depoimentos de Artista Professor

Conseguir desenvolver um estudo prático e teórico envolvendo ensino aprendido nas artes visuais tem sido um questionamento recorrente entre artistas e professores, sobretudo entre professores/artistas.

É comum escutar depoimentos de professores que ainda não encontraram um equilíbrio entre ser professor e ser artista. Muitas vezes as atividades docentes acabam por sufocar as atividades artísticas, causando, assim, dúvidas em relação à possibilidade de poder conectar a docência e a prática artística. A professora e artista Jociele Lampert desabafa:

Como professora de artes visuais, atuante em uma Universidade pública, algumas vezes eu me senti sufocada e confusa. [...] Eu gosto de ser professora, gosto de estudar arte, gosto de gastar as melhores horas do meu dia fazendo pesquisa, observando aulas, desenvolvendo projetos. E por conta disso, decidi mudar meu ponto de vista em relação à Educação. Recuperar a paixão pelo ensino de arte e revisitar minha prática artística. (LAMPERT, 2014, p.12)

Lampert enxerga a possibilidade de conexão entre docência e prática artística, e consegue “recuperar sua paixão” ao ensinar arte através da imersão nas práticas de pintura.

Geraldo Loyola, em sua tese de doutorado *Professor-Artista-Professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*, nos fala sobre a produção artística contemporânea e sua percepção de processos de criação na produção de materiais didático-pedagógicos permeados por pensamentos artísticos (LOYOLA, 2016).

Loyola exercita a atuação e o diálogo entre as duas vertentes que o formam, professor e artista entrecruzados entre o fazer e o ensinar. O professor Geraldo Loyola experimenta materiais de uso comum – palitos, pregos, canudos, palitos de picolé– para criação de materiais didático-pedagógicos associados ao processo de criação artística.

Além da criação de objetos com esses materiais, destituindo-os de suas funções originais, buscava refletir sobre a relação entre o uso “quase mecânico” que fazemos dele e evidenciar questões ligadas, por exemplo ao consumo e descarte desses produtos após o uso; reflexões, enfim, sobre gestos e ações humanas no dia a dia, tanto individuais como coletivas. Concomitante à produção de ateliê, investia também em minha formação acadêmica, investigando novas possibilidades e metodologias de ensinar-aprender Arte, com o objetivo de melhorar meu desempenho como professor. (LOYOLA, 2016, p.82).



Figura 3. Geraldo Loyola. Sobre alguns caminhos do cotidiano e outras utopias. Palha de aço, pigmentos e cola sobre madeira.

O artista Paul Klee assumiu suas atividades como professor na Bauhaus, em 1921. Nesta época ele já era um pintor reconhecido. As atividades que desenvolvia como professor o estimulou a elaborar e organizar as suas descobertas sobre aspectos teóricos envolvendo pintura e arte. Klee mantinha alguns diários em que desenvolvia suas reflexões teóricas referentes à arte. Como se vê no exemplo a seguir:

827. Mais pintura a óleo

1. Aplicar manchas de cor formando complexos, deixando fluir livre o sentimento, como elemento primordial, inconfundível e essencial.
2. Fazer uma leitura objetiva deste “nada (a mesa de mármore no restaurante do meu tio), trabalhar futuramente e tornar clara a imagem através de um jogo de sombra e luz. O pré-requisito foi uma tonalidade

básica, cujos vestígios podem-se perceber aqui e ali sobre toda a superfície. O quadro está pronto. (KLEE, 1990, p.261)

Durante o período no qual Paul Klee atuou na Bauhaus percebe-se a conexão existente entre o processo de criação e a sua ação pedagógica: “aqui no ateliê estou pintando cerca de meia dúzia de quadros, além de desenhar e de refletir sobre meu curso, tudo ao mesmo tempo”. Klee afirma que para fazer sentido tudo precisa caminhar paralelamente (KLEE in: GOUVEIA, 1998, p.46).

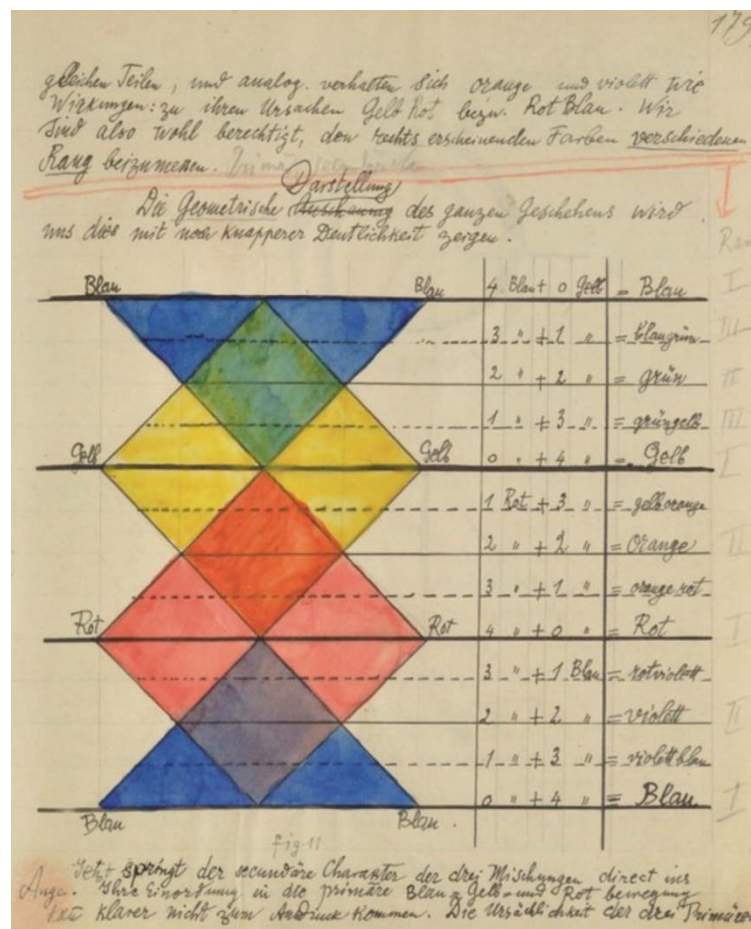


Figura 4 Página do diário de Paul Klee.

Paul Klee estudou intensamente a teoria das cores, seus desenhos feitos em diários, serviam de esboços para algumas de suas aulas na Bauhaus. As anotações de Klee contêm reflexões minuciosas sobre o equilíbrio das

cores. Seus diários⁴ são repletos de gráficos que detalham com vivacidade, clareza e simplicidade a mecânica da arte e da cor.

Outro exemplo é Jocielle Lampert que escreveu seu relatório de pós-doutorado em formato de diário, *Diário de Artista e Diário de Professor: deambulações sobre o ensino da pintura*. Ela opta por fazer um pós-doutorado que articula teoria e prática. Sua pesquisa foi elaborar um diário de campo, dois diários que se fundem, um de artista e um de professora. O seu relatório possui uma escrita intimista e confidencial em que mostra sua visão e formas de pensar como artista/professora/pesquisadora (LAMPERT, 2014, p.14).

Sobre sua escrita Lampert escreve:

Alerto: este texto é um diário!

Chamo de deambulações os caminhos que percorri, percorro e continuo a planejar em percorrer. É um diário que apresenta conversas, situações, cartas, vivências pessoais e profissionais, reflexões sobre livros que li e das aulas que planejei [...] Trata-se de um diário da professora e da artista. Relato o andarilhar no caminho da pesquisa de forma intimista (e este sempre foi meu desejo). (LAMPERT, 2014, p.16)

Lampert diz que como professora e pesquisadora no Ensino Superior no Brasil o seu olhar se manteve voltado para questões sobre ensino de arte, fundamentados mais sobre a teoria artística do que pela prática e que esse fato lhe causava profunda tristeza (LAMPERT, 2014, p. 18).

A professora é uma apaixonada pela arte e pelas cores, porém, até o ano de 2009, ela focou seus estudos sobre o ensino de arte, sobre a formação de professores e Arte Educação, e isso a afastou das cores e de seu processo criativo com as tintas.

Foi a partir de 2009 que a professora e artista volta sua pesquisa para assuntos relativos ao ensino de pintura e cultura visual. Por essa época ela começa a se enxergar “como professora/artista/pesquisadora” (LAMPERT, 2014, p.20) e inicia sua pesquisa sobre o desvio da prática artística como pesquisa em Arte Educação. Desse modo ela escreve seu diário em que de fato inicia uma forma de escrita que contempla o “Eu professora e o Eu artista” (LAMPERT, 2014, p. 20).

⁴ O centro Paul Klee disponibilizou online os diários do artista. Conferir: http://www.kleegestaltungslehre.zpk.org/ee/ZPK/BF/2012/01/01/001/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br

Em seu relatório ela usa imagens que estão presentes em seu cotidiano, representadas pela pintura e estudos das cores, juntamente com anotações e registros de seu processo artístico. A professora defende a importância de o professor ser também um criador e assim ela funde projetos artísticos aos seus planos de aula:

26 de maio de 2012: hoje preparando meus planos de aula, encontrei um livro de desenho de figura humana do Ray Smith (2004). Neste livro há lições ou exercícios para o desenho de figura humana e seu estudo, como por exemplo: iniciar com linhas sobre a fotografia, usar um objeto 3D como modelo, copiar um postal de uma pintura [...] Gostaria de ter mais tempo para me dedicar à figura humana e ao retrato, mas para isto, além de tempo é preciso disciplina e coragem. (LAMPERT, 2014,p. 56)



Figura 5 óleo sobre tela e impressão Fine Art Jocielle Lampert

A imagem acima mostra um estudo da artista usando paisagem como referência. Em seu diário ela fala das dificuldades encontradas para executar a pintura e confessa que a imagem não ficou como ela esperava, mostrando vontade de continuar seus estudos envolvendo cor e paisagens.

2.2 Eu, professora e artista

Diante dos exemplos expostos de professores-artistas, e, sobretudo, da minha vivência como artista que virou professora de arte, entusiasmo-me com a possibilidade de construir uma unidade entre ser artista e ser professora sem que uma atividade exclua a outra.

Inicialmente me senti dividida e confusa ao conectar o fazer e o ensinar, e precisei rever minhas práticas a fim de me enxergar como artista professora. Foi preciso me avaliar para perceber como meus dois papéis funcionavam na prática. No processo de reconhecimento da minha posição como artista professora, opto por conduzir as aulas⁵ de modo a propor e mediar experiências artísticas educacionais.

Lúcia Gouveia Pimentel (2007) diz que é preciso que o educador em arte viabilize para seus alunos experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e ação artística. John Dewey (*in* PIMENTEL, 2007) afirma que a experiência se efetiva com: processo, atividade e relação, sendo que esses três fatores determinam a efetivação de uma experiência e a construção do conhecimento. O autor afirma que o conhecimento está sempre em movimento, pois um resultado impulsiona novas indagações e investigações.

O meu reconhecimento pessoal como artista⁶ se deu antes do meu reconhecimento como professora. Até meados de 2017 me considerava exclusivamente artista. Quando comecei a lecionar, em 2018, ainda me via como um duplo profissional: ora era artista, ora lecionava. Com o passar do tempo as minhas atuações foram fundindo-se, de forma que acabei por aliar trabalhos artísticos à minha prática docente. Inicialmente essa conexão se deu em oficinas de arte do ensino informal. Eu, professora/artista inserida no ambiente de ensino compartilhava e experienciava arte com os alunos de forma a criar um entrelaçamento de saberes.

⁵ Leciono aulas de arte no ensino fundamental da rede Estadual de Minas Gerais.

⁶ Refiro-me a um autorreconhecimento como artista que está envolvida com práticas artísticas e não uma artista reconhecida e inserida no circuito de arte.



Figura 6 Oficina de Arte SESC MG

Atuando como artista e professora eu pude perceber a possibilidade de conexão entre esses dois papéis, entendi que o ser artista estimula o ser professor e o contrário também acontece. O processo criativo é uma ferramenta didática para o ensino aprendizagem, assim como pensamentos didáticos voltados à prática do ensino podem servir como ferramentas criativas para projetos de trabalhos artísticos.

Em alguns momentos da minha prática de artista professora, percebi a fusão do meu processo criativo em meus planos de aula. Em meus estudos de desenhos e diários eu me vi frente a questionamentos relacionados a linhas, formas, harmonia do desenho, assim como questões estéticas e teóricas, dentre tantas outras. Os questionamentos levantados durante meus exercícios criativos algumas vezes acabavam por aparecer nos meus planos de aula e esse movimento possibilitava uma investigação artística em conjunto. Dessa forma vi as minhas práticas de artista e professora fundindo-se.

Capítulo 3

REFLEXÕES SOBRE OS DIÁRIOS

Ter esses diários variados significa que gosto de manter minha casa arrumada. Eles devem estar atualizados para eu ter certeza de que a vida não passou por mim.

Louise Bourgeois

Apresento aqui reflexões sobre meus diários de artista, que se iniciaram durante minha graduação (ainda em 2009), e de artista-professora realizados entre os anos de 2016 (quando comecei a fazer o estágio da licenciatura) e 2019 (quando trabalhei na rede estadual de ensino). Os diários abrigam estudos textuais e imagéticos referentes ao desenho. Investigo especialmente questões referentes à linha, tendo como elemento disparador dessas questões o desenho e suas diversas peculiaridades – a representação expressiva através da subjetividade do olhar e tratamento das linhas, a acomodação das imagens no espaço e o corpo como ejetor de linhas.

Nos diários narro meus processos de criação e reflito sobre obras de artistas e professores que me levaram a pensar sobre o meu processo pedagógico e criativo. Crio através de imagens e textos possibilidades de pensamento visual aliado à práxis. Nesse sentido, procuro refletir sobre a minha relação estética enquanto professora artista com o objeto da pesquisa (os diários).

3.1 Processo de organização

A impulsividade é uma constante no meu processo criativo. Gosto de registrar meus desenhos de maneira catártica, um após o outro. Muitas vezes uso papéis pouco nobres, como verso de folhas, panfletos de propagandas e boletos. Gosto de ter acesso às folhas a todo o momento: o que me interessa é proporcionar uma situação favorável a um fazer intenso e instantâneo.

Acumulo todo tipo de papéis: gosto das diferentes texturas e tamanhos, preciso ter abundância de papel ao desenhar. Como tenho um traço rápido, faço os desenhos sem me preocupar com qualquer tipo de refinamento. Considero que eles se enquadram na categoria de estudos, pois não possuem a pretensão de ser uma obra terminada: “o artista lida com sua obra em estado de permanente inacabamento” (SALLES, 1998, p.78).

Costumava abandonar os desenhos logo depois de feitos. Esquecia-os na própria sala de desenho⁷. No início os desenhos eram abandonados por distração, mas com o tempo passei a abandoná-los de forma intencional: “gosto de ver os desenhos sendo manuseados, comentados, servindo de calço para o armário e voando com o vento” (RIBEIRO). Chamo esses desenhos carinhosamente de *Avulsos*.

Com o passar do tempo senti a necessidade de carregar os desenhos comigo, pois eles me trazem questões que precisam ser pensadas com cuidado. Por essa necessidade de pensar o desenho eu criei diários de desenhos, que fazem um contraponto aos *avulsos*. Chamo-os de *acompanhante*. O acompanhante também é conhecido como diário de bordo ou diário de artista: “caderno que tem por função organizar ideias para que elas não saiam voando por aí” (RIBEIRO).

3.2 Desenhar

Para mim, o desenho é uma prática intimista. No momento do desenhar estabeleço um diálogo com o entorno, permaneço atenta às relações que ocorrem entre o lápis e o papel, o olhar e a gestualidade que se dá na superfície do papel são repletos de intimidade.

Os desenhos me aproximam dos diários, pois eles geralmente são feitos em momentos de cumplicidade e reclusão e me possibilitam revelar desejos. Tanto o desenho quanto o diário são espaços onde posso ser sincera ao extremo. Assim, o diário me possibilita pensamentos e é nele que desenvolvo, amadureço e apresento imagens e textos partindo de meus questionamentos teóricos e práticos de artista e professora.

O desenho é ágil, tem leveza plumária. Algumas vezes você pensa alguma coisa e é tão frágil e fugaz que você não tem tempo de anotar no diário. Tudo é transitório, mas o seu desenho serve de lembrete; senão seria esquecido. (BOURGEOIS in: DERDYCK, 2007, p. 36).

Assim como Bourgeois, penso que o desenho tem por característica poder registrar pensamentos leves, transitórios e desordenados, desses que

⁷ Laboratório de modelo vivo da UDESC.

não podem ser registrados através da escrita. Penso também nos desenhos como lembretes poéticos.

No meu ato de observação eu procuro ser honesta com aspectos referentes à visão: busco perceber as formas com o olhar, acompanhar o objeto observado com cuidado, absorvendo a forma antes de desenhar. Porém, quando tomo consciência das formas pré-estabelecidas e representadas através da mimese, acredito que minha visão me trai.

Travo neste momento (do desenho) um conflito entre o que vejo e aquilo que penso ser a representação do objeto a ser desenhado. Tento resolver esses conflitos no desenho, optando geralmente por ser o mais leal possível ao que vejo.

Aqui o desenho assume uma fidelidade com o olhar. É mais do que uma representação de algo ou desenvolver simbolicamente uma imagem, coisa ou situação. Reflito sobre o que escreveu Paulo Pasta sobre a preocupação de Matisse com a “honestidade do desenho”⁸:

Não é estranha nem difícil a identificação do desenho com esse lugar reservado ao fundamento, à fundação, à honestidade primeira, Parece que a ele sempre coube, ao longo do tempo, um papel ético, como se fosse uma espécie de depositário da verdade, dado que ali, na sua simplicidade complexa, seria muito difícil mentir. (PASTA in: DERDYCK, 2007,p.84).

Faço os meus desenhos de forma a representar no espaço da folha o meu pensamento visual, eles –os desenhos– são elementos que revelam meu olhar, sensações e sentimentos particulares, dessa forma podem ser vistos como um diário interior.

Para mim, o desenho acontece no instante em que começo a me relacionar com o objeto a ser desenhado. A seguir começo a marcá-lo com lápis sobre papel. O que se segue eu não consigo descrever claramente.

Descrição não clara:

Olhar, selecionar, piscar, suor nas mãos, desistência da seleção anterior, barulho, coceira, fome, música, afetividade, pressão da mão, excitação mental. (RIBEIRO)

⁸ Paulo Pasta fala sobre o pensamento de Matisse em relação a fundamentação do desenho em seu texto *Porque Desenho*.

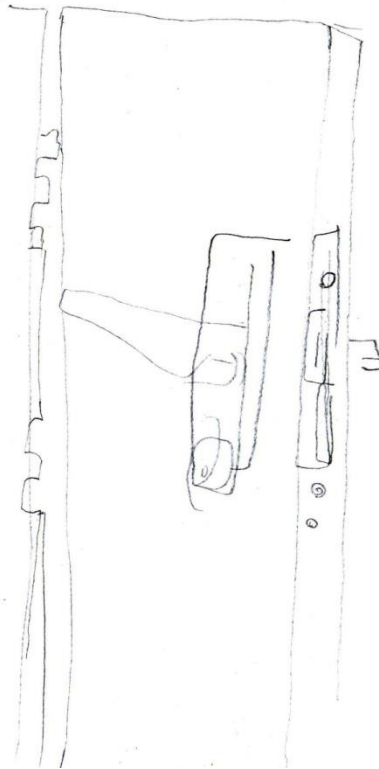


Figura 2 Desenho diário de artista 2016

Tento focar toda atenção no objeto que está sendo desenhado. Às vezes eu roubo no desenho: paro de observar o objeto e me atendo ao registro. Neste momento tento encaixar as linhas nos lugares “certos”, recorrendo a padrões simbólicos e assim generalizo formas. Preciso ser honesta com o desenho, não roubando na hora de registrar, sendo leal às peculiaridades que diferenciam as coisas entre si. (RIBEIRO)

Quando desenho eu entro em conflito entre aquilo que vejo, aquilo que penso ter visto e aquilo que sei que existe. Esse conflito se dá pela imaginação e pela lembrança simbólica dos objetos.

O desenho que mostrarei a seguir refere-se à deformação de um desenho. Eu observei atentamente a modelo, tentando sincronizar minha visão e minha mão ao desenhar. Tentei me manter fiel ao que vejo da forma que vejo.

Durante uma aula de modelo vivo na universidade, desenhiei em meu diário o corpo da modelo. Achei-o perfeito, harmonioso com padrões de beleza clássicos. No decorrer do ato de desenhar o corpo até então harmonioso, minuciosamente observado, passou a apresentar uma desarmonia. Em minha investigação apurada do olhar, percebi um dedo do pé menor que os outros (não na proporção natural dos dedos serem gradativamente menores). Eles

aparentavam uma sutil desarmonia e logo se tornaram alvo minha admiração e interesse.



Figura 2 Desenho diário de bordo 2009

Percebo uma perversidade neste desenho. Atenho-me a uma observação exagerada e focada nos dedos da modelo. Desenhei obstinadamente sem me preocupar com o que estava saindo⁹. Eu observava atentamente cada dedo enquanto construía o desenho. (RIBEIRO)

Sinto que os desenhos possuem uma força interior. As linhas interrompidas (as linhas se interrompem no momento em que pisco e a mão já não pode acompanhar o olhar) e sinuosas criam corpos fragmentados e ambíguos, conflitando assim, com a “honestidade do desenho”.

3.3 Desenho em sala de aula.

Logo no primeiro dia de aula fui abordada com a pergunta: “A professora vai ensinar desenho? Quero aprender fazer um desenho bem bonito!”. Notei que os alunos tem uma noção bastante restrita de arte, pois eles reconhecem quase que exclusivamente apenas o desenho e a pintura como arte, e, ainda mais, que eles buscam classificá-los como algo “bem bonito”. Não sendo este o momento oportuno para responder essas questões, levanto aqui apenas dois pontos a fim de reflexão: a massificação do ensino de arte e o descaso com o ensino de arte, relegada ao segundo plano.

⁹ E os dedos realmente, no desenho, saiam do pé.

No início do século XX, o ensino de arte, em especial o desenho possuía um sentido utilitário tido como uma preparação técnica para o trabalho. O ensino de desenho nas escolas valorizava traços e contornos, o saber copiar figuras era uma habilidade muito apreciada. Os alunos tinham referências imitativas, copiavam modelos selecionados pelo professor. A cópia e o desenho geométrico preparavam o estudante para vida profissional (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 45). Nesta concepção tradicional de educação o resultado do trabalho é mais importante do que o “desenvolvimento dos alunos em arte” (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 45).

Ferraz e Fusari salientam que o pensamento da pedagogia tradicional permanece até hoje, e que isto leva alguns professores a aplicarem atividades pautadas na repetição no intuito de exercitar o “olho, a mão, a memorização e o gosto pelo senso moral”. Esse modelo de “pedagogia tradicional” está ultrapassado pedagógica, artística e esteticamente e, por isso, ele precisa ser superado. Deve-se acabar a preocupação com o “bem-acabado” (p.46).

Diante do exposto, percebo a necessidade de ampliar e libertar os conceitos dos alunos de um conceito muito rígido quanto ao desenho. É necessário ainda que o aprendizado em arte seja pautado no processo e na experiência, como propõe John Dewey¹⁰.

3.3.1 Desenho não acabado

Gosto do modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão.
Clarice Lispector

Como dito antes, os meus desenhos são rápidos, eu não demoro desenhando longas poses. Além disso, boa parte de meus desenhos apresentam-se de forma inacabada, eles são “deliberadamente ou acidentalmente incompletos”. (RIBEIRO)

Percebo dois tipos distintos de inacabamento em meus desenhos: o primeiro refere-se aos contornos essenciais das figuras, o desenho possui apenas o necessário para ser compreendido; o segundo refere-se a figuras inacabadas, interrompidas, abandonadas em plena execução.

¹⁰John Dewey propõe a experiência como arte e afirma que a experiência ocorre na interação do indivíduo com as coisas e acontecimentos do seu mundo. Cf. Dewey, 2010.

Depois de já ter captado o que julgo essencial no desenho interrompo imediatamente o processo.

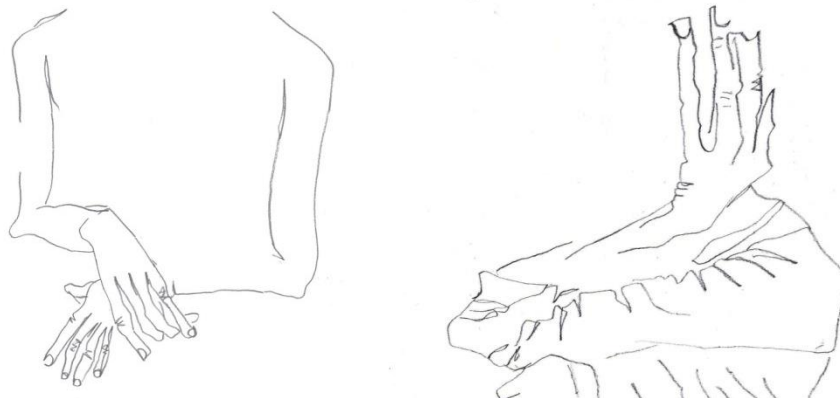


Figura 6 e 7. Desenhos inacabados diário de artista 2014.

O processo me interessa mais que o produto final.

No contexto educacional a BNCC (2010) reconhece a importância do processo no ensino de arte e diz que; “os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos” e que o percurso do fazer artístico possibilita criação, experimentação e o desenvolvimento de uma poética pessoal.

3.4 Linha

Agora minha mão já não segue o risco. Não há mais o que fazer. Só há o desenho riscado sobre a superfície, forma presente sem mistério, frágil vulnerável e entregue à linha.
(RIBEIRO)



Figura 6 Desenhos de linhas diário de artista 2014.

O desenho revela o mistério das linhas inquietas, rápidas, desassossegadas, firmes, vacilantes, que mostram as particularidades de um modo de pensar. O desenho é capaz de se sustentar, as formas são autorizadas a desenvolverem-se.

O elemento linha dentro do espaço do desenho é o que me possibilita maiores entusiasmos criativos, maiores movimentos gestuais e liberdade de pensamento. A forma se dá através de uma linha precisa e ao mesmo tempo tateante, sua fugacidade registra o percurso do pensamento.

Logo abaixo do desenho da mochila (figura 6) feito em um de meus diários encontro a seguinte anotação:

As linhas adquirem total autonomia quanto ao seu poder de decisão. Tomando um rumo inesperado, reproduzindo-se desordenadamente, alastrando-se, causando um caos, embaraçando-se, elas terminam algumas vezes por comprometer o significado original das figuras, apenas sugerindo a ideia das mochilas. (RIBEIRO)

Os desenhos são resumos de pensamentos. Os desenhos são rabiscados ou anotados em diários e fazem parte de uma longa série, iniciados em 2004, sem previsão de término. São confidências estéticas visuais, a

síntese de minhas reflexões didáticas e poéticas. A ideia de trabalhar com desenhos inseridos nos diários vêm de uma necessidade de organizar os pensamentos. Assim, trabalho a organização e a disciplina. Deste modo, não perco as ideias e nem os pensamentos.

3.5 Diários como estratégias didáticas

Apresentei, até aqui neste terceiro capítulo, fragmentos de meus diários, especificamente de meus cadernos de desenhos que abrigam registros de meu percurso como artista. Nos diários exponho problemas e soluções estéticas presentes nos desenhos de forma a revelar minhas escolhas.

Levo as experiências dos cadernos de desenhos para as aulas de arte. Acredito que o contato dos alunos com os registros dos processos (cadernos de desenhos) fomente o pensamento reflexivo e faz com que encontrem outras formas de resolver esteticamente problemas relativos aos desenhos.

Ao expor meu processo através de meus cadernos e diários em sala de aula, espero que os alunos se aproximem do processo criativo e identifiquem as diversas tentativas e erros presentes no percurso. Desejo que eles quebrem a ideia de que artistas são seres providos de dom e percebam que é através de esforços, tentativas e erros que as ideias surgem.

É comum escutar entre meus alunos do ensino fundamental frases como: “mas eu não sei desenhar”, “eu não sei fazer bem certinho, bonito”, “eu não tenho talento” ou “faz pra mim”. Após escutar esses comentários, resolvi levar meus cadernos de desenho para sala de aula, a fim de mostrar que desenhar é um exercício cotidiano. Comecei então a usar os diários como ferramenta didática pedagógica.

Os alunos olham os cadernos, percebem o percurso dos desenhos em registros de ideias soltas e esboços. Esse contato dos alunos com o diários auxiliam nas aulas de desenho, pois eles percebem que erros e mudanças de ideias fazem parte do processo criativo.

Nos primeiros dias de aula apresento para os alunos parte¹¹ dos materiais didáticos pedagógicos que iremos usar durante o ano. Mostro o livro didático, livros que tenham os conteúdos que vamos trabalhar, imagens de cadernos e diários de artistas, e os meus cadernos de desenhos.

A primeira atividade prática que proponho consiste na elaboração de um caderno de anotações, diário de bordo ou caderno de artista. Os alunos confeccionam seus próprios cadernos, e durante o ano letivo vão registrando ali as suas produções. Sugiro que os alunos registrem tudo o que considerem importantes, desde informações escolares até pessoais, a fim de estabelecer uma relação de intimidade e cumplicidade.

Desejo que os alunos criem um espaço no qual eles possam ter autonomia no processo de criação e desenvolvam um olhar estético, reflexivo e crítico diante de suas próprias produções.



Figura 8. Caderno confeccionado por aluno.

Ao fim do ano letivo é feita uma análise coletiva dos diários. É comum que os alunos fiquem deslumbrados com a própria evolução ao comparar as

¹¹ Mostro parte dos materiais, pois ao longo do ano as estratégias de ensino vão mudando de acordo com o interesse dos alunos e andamento das aulas, e outros materiais didáticos são adotados.

primeiras anotações com as atuais. Através dos diários os alunos podem observar o desenvolvimento das suas produções artísticas, ao contrário de uma pasta de desenho ou portfólio onde se aprecia apenas o produto final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa relatei observações sobre artistas e professores, especialmente o artista professor sob uma perspectiva didática.

Diante das análises feitas nesta pesquisa acerca de pensamentos de artistas professores (artista professor Geraldo Loyola, artista professora Jocielle Lampert, artista professor Paul Klee), pude perceber uma proximidade entre os pensamentos destes professores artistas com o meu. Acredito que essa conexão contribuiu para o meu aprofundamento e melhor entendimento sobre registros, processos de criação e sua relação com o ensino aprendido, uma vez que, estes estão diretamente ligados à minha prática pessoal.

As reflexões feitas sobre o uso do diário de artista e diário de professor no ensino aprendizagem, não se esgotam com o fim desta pesquisa, pois as questões levantadas dão aberturas para outros desdobramentos. As possibilidades do uso do diário foram observadas sob alguns aspectos e novas formas de lidar com este tema ainda estão por acontecer, uma vez que este é um tema amplo e está em constantes transformações.

Penso que o diário é uma excelente ferramenta que auxilia no processo de ensino aprendizagem. Por ele ser amplo, por ser aberto, por ser vivo, por ser honesto, por ser afetivo, é que o uso do diário no planejamento das aulas favorece a interação entre professores e alunos.

Ao apresentar um recorte sobre o uso do diário do artista professor na prática docente, confirmo a possibilidade de conexão entre arte e ensino da arte, estes dois componentes se entrecruzam promovendo um aprofundamento de estudos práticos e teóricos que envolvam o processo criador na arte e didático na educação.

A proposta de compreender o diário do artista professor nos faz refletir que arte e ensino da arte podem e devem ser conectados. Chego à constatação de que o ensino de arte precisa abordar o fazer o saber fazer e, sobretudo, acolher o processo com toda sua complexidade e metamorfoses como sendo parte fundamental no processo de ensino aprendizagem.

O que está sendo enfatizado, portanto, é que, partindo de observações dos diários e de comportamentos e depoimentos de artistas professores, foi possível perceber novas formas de pensar, ensinar e aprender. Assim, espera-

se que as reflexões sobre essas experiências possam colaborar para o ensino da arte partindo de práticas artísticas.

O uso dos diários pelos alunos em sala de aula, fomentou a busca pelo conhecimento e auto reflexão, percebi que a prática do diário despertou confiança nos alunos, pois eles se sentiram autores da própria obra e tiveram autonomia durante todo processo de criação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Ser artista, ser professor. Razões e paixões do ofício. São Paulo: UNESCO, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BOURGEOIS, Louise. *Desconstrução do pai, reconstrução do pai*. [Tradução de Álvaro Machado; Luiz Roberto Mendes Gonçalves]. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

CADÔR, Amir Brito. *O livro de artista e a enciclopédia visual*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

DERDYK, Edith. *Disegno, desenho, desígnio*. Senac, 2007.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOUVEIA, Ana Paula Silva. *O croqui do arquiteto e o ensino do desenho*. Tese de Doutorado FAU USP. São Paulo. 1998.

KLEE, Paul. *Diários*. -1 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1990.

LAMPERT, Jociele. *Diário de Artista e Diário de Professor: deambulações sobre o ensino da pintura*. Relatório de Pós Doutorado, realizado no TeachersCollege na Columbia University em New York, EUA, 2014.

_____ *Pesquisa de prática artística em Arte e Arte Educação*. Florianópolis: ANPED, Disponível em URL: <https://udesc.academia.edu/JocieleLampert>, 2014.

LANCRI, Jean. “Colóquio sobre a metodologia: da pesquisa em artes plásticas na universidade”. Em: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). *O meio como*

ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

LOYOLA, Geraldo Freire. *Professor- Artista-Professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*. Doutorado em Artes Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2016.

MORENO, Márcia. *O Diário Visual das Memórias a partir do livro de artista: uma proposta de ensino e aprendizagem desenvolvida no PARFOR*. Revista Matéria Prima. Vol 4 (3) p. 94-104. 2016.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Processos artísticos como metodologia de pesquisa*. Ouvirouver (Online), V.11, n.1, p.88-98. 2015.

_____. *Metodologias do ensino de Artes Visuais*. In:Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Vol.1. Belo Horizonte. 2007.

RACHEL, Denise Pereira. *Adote o artista não deixe ele virar professor: Reflexões em torno do híbrido professor performer*. Coleção PROPG Digital UNESP, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: intermeios. 5ª edição. 1998.

SEEMG, Ministério da Educação. Secretaria de Educação. *Currículo referência de Minas Gerais*: Organizador Curricular de Arte. 2018. Disponível em: <http://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/20181012_-_Currículo_Referência_de_Minhas_Gerais_vFinal.pdf>acesso em: 24/03/2019

SILVA, Tharciana Goulart da., LAMPERT, Jocielle. *A relevância do diário na prática artística e docente*. Santa Maria, RS. ANPAP. 2015.

ZABALZA, Miguel A. *Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto, Editora: Porto Editora, 1994.